

Essa foi uma das questões mais difíceis de responder, tive dificuldade de acessar informações mais precisas, pois não temos mais nenhum idoso, pelo menos na família da minha mãe, da qual sou mais próxima. Minha família materna é afro-indígena, apesar de não se reconhecerem de nenhuma etnia. Minha vó dizia que eram chamados de "bugres", nome pejorativo dado aos indígenas aqui no RS. Minha avó veio para a capital do RS muito jovem tentar emprego. Anteriormente moravam na fronteira com a Argentina, tendo influência também espanhola. Já a família de meu pai vem do Rio de Janeiro e algumas regiões do Nordeste brasileiro, uma família negra que migrou para o RS também em função de trabalho. Infelizmente não tenho mais informações sobre isso.

Minha bisa era mãe de santo e faleceu com 98 anos, ela "adotou minha avó e seus treze filhos. Minha mãe é a filha mulher mais nova. Eles viviam e alguns vivem até hoje de reciclagem e serviços de limpeza ou obra. Vivíamos todos na mesma rua e o terreiro ficava no entorno. Lembro que sempre brincávamos na rua, meus primos e eu, em frente ao mercado do meu tio, que ficava bem no meio da nossa rua, e vários outros vizinhos que eram como parentes também, uma organização familiar e social bem complexa e cheia de coletividade...

Ariane Fernanda Moreira

Meu pai nasceu em 1919 num distrito de Santarém/Pará, às margens do rio Tapajós, na outrora primeira aldeia Tupinambá do Tapajós, fundada pelos jesuítas em 1737, sob o nome de "Aldeia de Santo Inácio de Loyola", quando pra lá levaram indígenas Tupinambá do Lago Uuicurupá (Rio Tupinambá/Região de Parintins/AM). Então, ali nessa Aldeia, hoje Vila de Boim, nasceram minha trisavó, bisavó, e minha avó, de origem indígena tupinambá. Através de minha avó, e de meu pai, ouvimos a triste história de que tanto minha bisa, como minha trisavó foram obrigadas a viverem com português colonizador (ou pior dizendo, foram "pegas no laço"). Meu bisavô (filho de português com indígena, viúvo, tinha 70 anos quando tirou minha bisa (que tinha apenas 14 anos) de minha trisavó. E minha trisavó fora arrancada da aldeia por um português. Por sua vez, minha avó teve seus filhos com um judeu (meu avô), que não assumiu a paternidade, devido eles não casarem com não-judeus.

Boim sofreu forte imigração de judeus procedentes do Tanger, Marrocos. Meu avô paterno, judeu, nasceu em Marrocos, sua mãe (mina bisa) era do Tanger e seu pai (meu bisavô), era espanhol de Madri. O meu sobrenome "Xavier" (do meu pai) é de origem ibérica, ou seja, da parte do seu avô materno (meu bisavô). Da parte de minha mãe, tenho o sobrenome "Brasil", que é do meu avô materno, natural de Sobral/Ceará, sendo que, quando ele veio para o Pará, casou-se com minha avó materna, nativa do Marajó/Pará (a ilha do Marajó também tem origem indígena). Daí foram morar no Lago Grande (próximo de Santarém) onde minha mãe então nasceu. Quando meu avô (já viúvo de minha avó) foi morar em Boim, minha mãe veio a conhecer o meu pai. Me autoafirmo indígena Tupinambá pela minha ancestralidade paterna.

Socorro Brasil

A história de meus antepassados começa em Portugal. Uma moça de 17 anos é mandada pelos seus pais para o Brasil, para o Rio de Janeiro, trabalhar na casa de amigos que para cá vieram também e estavam estabelecidos. Esta família, cujo sobrenome é Leitão, era de origem humilde e, com um filho homem e uma filha mulher, decidiram permanecer em sua terra com o filho homem.

Um rapaz com seus 19 anos também foi mandado pela família Cunha de Portugal para o Brasil para tentar uma vida melhor, pois era o mais velho de cinco irmãos e já poderia tentar melhores condições em outras terras. Assim, se conheceram Dona Maria e Seu Fernando. Por outro lado, da mesma forma e também pelos mesmos motivos, vieram para o Brasil, para o Rio de Janeiro, Dona Olívia e Seu José. Esses dois casais se conheceram e pela família Cunha aparece em minha história Marli e pela família Dantas Armando. Somos três irmãos, dois homens e uma mulher. Sempre fomos presentes na vida um do outro.

Tenho uma família extensa pois ao todo temos 9 tios e muitos primos. Sempre fomos uma família calorosa, divertida. Temos muitas histórias a contar sobre nós porque sempre nos mantivemos muito próximos. Somente meus avós são portugueses. Todo o restante da família do Rio de Janeiro. Tivemos e temos nossos erros, mas nunca casos de violência extrema, preconceito ou falta de respeito com o outro. Pensamentos e palavras proferidos por pura ignorância. Sinto que nossa história tem um que de muito amor, alegria, respeito e muita religiosidade. Neste quesito professamos o sincretismo, pois somos originários de uma família católica. Mas, em caminhos que a vida nos deu, muitos de nós se tornaram umbandistas. Eita família complexa!!!!

Denise Cunha Dantas

A história dos meus antepassados é muito escassa, tive pouco contato com os meus avós pois quando morava mais próxima deles era muito pequena e tudo que sei foi perguntando para minha mãe, visto que meu pai já é falecido e os demais familiares estão bem espalhados entre o estado do Rio Grande de Sul e Santa Catarina. Minha mãe conta que a minha avó materna era descendente de portugueses, meu avô ao que me lembro era de descendência indígena, apesar de minha mãe negar qualquer descendência dos povos originários, ela tem uma visão do colonizador e desqualifica qualquer vínculo com os povos afropindorâmicos.

Eu tive um contato mais próximo com os familiares paternos e convivi com tios e primos, meus avós evidenciavam descendência africana. Meus avós moravam em ambiente rural e viviam da agricultura do milho, feijão, mandioca entre outros produtos de agricultura familiar. Meu avô paterno praticava o espiritismo, creio que da linha de Allan Kardec, o que levou inclusive a promover um centro espírita no local onde morava, desta forma por muitos anos o espiritismo foi a prática de fé dos meus pais. Lembro de frequentar as sessões em que sentavam em roda, numa casa com chão batido e eram feito os atendimentos espirituais como, aconselhamento, passes e entregue as mensagens recebidas pelos médiuns.

Meu pai trabalhou na agricultura só na juventude, gostava de tocar violão e cantar e desde cedo ele e meu tio, irmão da minha mãe que tocava gaita, tocavam entre amigos e nos bailes da região. Quando viemos para a cidade meu pai trabalhou em frigorífico e na construção civil, se tornando um excelente carpinteiro, tinha habilidade para fazer uma casa do início ao fim. Nessa profissão começamos a se mudar com frequência, ele não gostava de ficar muito tempo no mesmo lugar, fato que contribuiu para ficar mais distante dos demais familiares. Minha mãe trabalhava no canteiro da obra como cozinheira e assim, passei grande parte da minha infância.

Só fiquei morando mais tempo no mesmo local, quando meus pais se separaram, visto que meu pai evidenciava sinais de alcoolismo e negligenciava com os cuidados da família. Na década de 80 viemos morar em Porto Alegre/RS e minha mãe começou a trabalhar no depto de cargas do aeroporto como serviços gerais, meu irmão mais velho começou a trabalhar para ajudar nas despesas da casa e eu, além de estudar cuidava dos afazeres domésticos e dos irmãos menores de idade.

Marlene Teresinha Da Silva

Sou gaúcha da capital de Porto Alegre. Até um certo momento da minha vida acreditava ser descendente de alemães e italianos, que vieram para o Brasil e fundaram o bairro onde cresci. Mas essa era só uma parte da história da qual eu me envergonhei durante anos e não me identificava por ser carregada de racismo e preconceito. Saí de Porto Alegre a treze anos, sem vontade de retornar.

A pouco tempo comecei sentir a necessidade de resgatar minha ancestralidade materna que sofreu um enorme apagamento sendo atrelada as histórias de meu pai.

Minha mãe sempre foi uma pessoa calma e de grande sabedoria, nos levava a igreja aos domingos e escondida da família que nos carregava para terreiros, casas espíritas e benzedoras.

Nos curava com chás, dominava a sabedoria das plantas, protegia a casa contra ventos e tempestades com rezas e simpatias. Adorava mexer na terra e os únicos livros que me lembro de ver lendo era "As plantas que curam". Isso tudo me despertou e desperta grande curiosidade, quem era minha mãe?

Ela faleceu com cinquenta e quatro anos, vítima de um câncer de mama, na época eu tinha dezenove anos e vivia em uma bolha. Não tive tempo de fazer perguntas e nem curiosidade, não sabia o quanto isso com o passar dos anos iria me inquietar. Quando indagada quais eram seus antepassados ela só respondia: sou brasileira.

Daiane Eilert

A única coisa que minha soube responder é que meus avós nasceram no Nordeste, minha vó de Pernambuco e meu avô da Paraíba. Minha mãe nasceu em Pernambuco e veio para o Rio muito pequena, com outros dois irmãos. Aqui no Rio nasceram meus outros 7 tios.

Fernanda Barros dos Santos

A história da minha família é bem complexa, porque todos os lados se misturam. Meu pai é filho de negros e portugueses. Seu Pai, que se chamava Zé Góis, era um homem muito bonito e atraente, por isso teve mais de 07 filhos fora do casamento. Ele era um negro que fazia muito sucesso na região e arrancava suspiros da mulherada. Sua mãe, Maria Afonso, era filha de portugueses, teve também 7 filhos, sendo de 06 pais diferentes. Por ser um filho fora do casamento e o quarto filho de minha avó sem marido, foi dado para a tia, que não tinha filhos criar. Por tamanha coincidência, seu padastro era primo de minha mãe e a mulher do pai biológico tia de minha mãe.

Minha mãe é filha de indígenas, negros e portugueses. Seu avô, Tonheira era da última família Tupiniquim da Bahia, que se viu sem pai ou mãe aos 09 anos. Casou-se muito cedo com Inês, uma mulher forte que era mais velha e já tinha 03 filhos do casamento anterior. Comeu avô teve 03 filhos. A mãe de minha mãe era a única filha mulher. Minha avó então casou-se cedo com meu avô, Joaquim (que se chamava Cortes, na verdade) e com ele teve 09 filhos. Não sei muito bem a história dos meus avós, tanto materno quanto paterno.

Fernanda Gonçalves

A história da minha família tem haver com história do meu sobrenome. Interior de Minas, minha bisavó, indígena, tem a aldeia incendiada, (alguns contam que ela foi sequestrada, outros dizem que ela foi por conta própria), e vai trabalhar em uma fazenda, e para que tenha documentos acaba recebendo o sobrenome do dono da fazenda. Então, hoje, eu carrego o sobrenome (Ferreira da Silva) de quem muito provavelmente, incendiou, sequestrou e submeteu ao trabalho forçado parte dos meus antepassados.

Kauany Silva

Minha família não teve estruturas muito sólidas, de diversas origens e separados de formas diferentes, tanto parte de pai como parte de mãe. Minha avó paterna mora no interior da Bahia, em alguma cidadezinha do recôncavo baiano, teve 5 filhos e pensando em uma melhor qualidade de vida para eles, os entregou para o pai e sua nova mulher que serviu de mãe até pouco tempo, já que se separou do meu avô. A avó materna veio do interior de Minas, onde trabalhava como doméstica, nunca soube como ela se casou com o meu avô, mas sei que tiveram 3 filhos no Rio de Janeiro e assim que começou as obras de Brasília, vieram para cá pois, meu avô recebeu uma proposta para trabalhar no senado. Não há mais registros, sejam por fotos ou relatos de qualquer outro ancestral que seja do meu conhecimento.

Guerra Tapuio

Meus avós paraenses vieram e trouxeram seus 3 filhos, entre eles a caçula - minha mãe Ione, ainda menina moça-, para o Rio de Janeiro. Não pude saber de onde de fato vêm minhas conexões florestais, que etnias gestaram meus antepassados, minhas antepassadas. Meus avós baianos vieram e trouxeram seus 5 filhos, entre eles o segundo mais velho, meu pai Carlos Augusto, adolescente, para o Rio de Janeiro. Na adolescência, apaixonei-me por Salvador em minha primeira viagem sem estar com meus pais. Atabaques tocavam em meu coração, mas também não pude saber as diásporas que meus antepassados e minhas antepassadas viveram.

Carla Albuquerque

Minha história começou no sertão da Paraíba cidade de Taperoá no ano que minha mãe nasce 1948 sei algumas história filha de um homem que vivia viajando pai negro e mãe descendente de indígenas onde minha vó contava que sua mãe foi trazida no laço do seu avo um estrangeiro uma história grande que muito me falta para contar mas sei que minha mãe foi criada com muita dificuldades ela e seus 6 irmãos , mas acaba vindo para o Rio no ano que nasci meu avo trouxe a família minha mãe vem depois e aqui criamos raízes no Complexo de Favelas do Alemão desde 1967.

Minha arvore genealógica tem uma mistura de branco com negro e índios, alguns com traços fortes negros outros com traços mais indígenas eu tenho muito interesse de descobrir minha arvore genealógica para entender alguns sentimentos que carrego comigo. A força a resistência o dom que as vezes aflora espiritualmente até no comportamento e na vida diária.

Lucia de Fátima Oliveira Cabral

Minha familia materna veio de Carrancas- MG. Minha avó faleceu ,a 13º gestação. Meu avô morava em Volta Redonda durante a semana para trabalhar na Siderurgia Nacional de aço e aos finais de semana ia para Carrancas ver a familia. Todos os filhos do casal foram de gestações seguidas, porém havia um habito entre os moradores da roça de esperarem nascer uma quantidade boa de filhos pra depois irem a cidade registrar os filhos uma unica vez. Então ninguem sabe ao certo a data exata do nascimento de cada filho. Todas as mulheres tem "maria" no nome. Maria do Carmo, Silveria Maria, Maria, Ana Maria e por ai vai... Esse mesmo padrao nao segue nos nomes dos filhos, mas todos tem nomes duplos. Após o falecimento da minha avó materna, meu avô trouxe todos os filhos para morar em volta redonda. No entanto ele deu todos os filhos para serem criados por tios/tias, e ele mesmo ficou apenas com o filho mais velho, pois ele ja era adolescente e poderia trabalhar ajudando no sustento da familia.

Há relatos de quem meu avô era tatareneto de escravos. Mas eu nunca ouvi essa história da boca do meu avô. Ele mesmo não era de falar do passado e após a morte da minha avó, nunca mais ele voltou em Carrancas nem mesmo para ver seus irmãos.

Por parte da minha familia paterna, que era uma familia de mais posses em relação a familia da minha mae, nunca soube de histórias. Não há essa tradição. E é uma pena. Adoraria conhecer minhas origens paternas.

Marcela Silva

Meus pais se conheceram num carnaval. Meu pai estava com seu amigo e minha mãe com uma amiga (minha madrinha). Meu pai a paquerou e os dois ficaram juntos naquele dia e perderam contato. Tempos depois houve uma outra festa na cidade e se reencontraram por acaso. Mais uma vez ficaram e perderam contato. Passado algum tempo, numa festa de largo no bairro da Lapinha eles se vira de novo. Dessa vez, durante a conversa, minha mãe falou onde morava. Eis que tempos depois meu pai apareceu em sua casa e lhe pediu em namoro.

Meus avós maternos se conheceram em decorrência de trabalho. Já meus avós paternos não consegui descobrir (meu pai não sabe dizer e não tenho contato com tios paternos). Infelizmente não consegui saber mais sobre minha origem familiar, mas foi muito bom ouvir de minha mãe a historia de como conheceu meu pai.

Natan Duarte

A família da minha mãe descende de uma comunidade remanescentes de quilombos, onde vivem até hoje, meus avós, meus bisavós nasceram e cresceram nesse quilombo, segundo relatos dos mais velhos a comunidade se formou de pretos velhos fugidos da escravidão e se esconderam nessas matas. Já a família do meu pai, vem de outra descendência, meu pai é Branco e nasceu na cidade , com 12 anos minha mãe saiu da comunidade e foi estudar pra cidade onde conheceu meu pai e se casaram .

Rayane Freitas

Minha família são todos indígena kaiowa parte da minha mãe e também do meu pai,os meus se separaram quando eu era bebê ainda e não cheguei a conhecer os meus avós paterna,mas conheço a família dele....eu nasci na aldeia e cresci na aldeia e agora estou morando na retomada longe das minhas famílias

Rosicléia Almeida

Minha avó materna conta que foi criada por uma tia, pois seus pais haviam falecido no interior do Ceará. Embora a tia dela fosse professora, minha avó teve que aprender a ler sozinha e nunca estudou. Mas sabe ler e somar e subtrair. Quando casou, veio morar em Fortaleza. Minha mãe é a filha mais nova dela. não conheceu meu avó (pai dela). Ele faleceu quando minha mãe ainda era bem pequena. Minha avó, que gosta de ser chamada de Mundica, conta que a vó dela era uma índia. Que teve que ser amarrada para casar. Ela tem algumas falas sobre a vida e a natureza e uma intuição incrível. Hoje com 104 anos, encontra-se lúcida e embora não tenha mais a visão dos olhos, não há quem a engane.

Minha avó paterna já faleceu, um pouco antes foi meu pai, que já não morava com a gente há muitos anos. Meu avó paterno era caseiro de um sítio e minha avó paterna era a doméstica de uma família rica de Fortaleza. Com o falecimento do meu avô, essa familia adotou meu pai. ele foi criado em uma casa com muita riqueza, mas não deixou de ser como um empregado. E teve algumas regalias. Quando eu era criança, todo natal íamos visitar a mãe que o criou. Ganhávamos presentes caros. Mas quando ele se separou de minha mãe perdemos o contato com essa família. Muitos anos depois (há cerca de 20 anos atrás) fomos procurados por uma tia, irmã biológica de meu pai informando que ele estava doente e hospitalizado. Ajudamos como pudemos o tratamento paliativo dele. Estava com câncer em estágio terminal. Ainda conversamos com a nossa avó paterna ainda viva sobre a nossa origem. Ela nos informou que a sua família era de Paracuru, interior do Ceará. Minha avó não tinha o hábito de falar muito, era bem "estranho" as vezes a relação pois não existia convivência. Então também não tivemos muitas informações sobre nossos ancestrais. Mas é uma historia vivida por mulher forte negras/indígenas que criaram as suas crias sozinhas e com muito trabalho.

Silvana Holanda

# NOSSAS FAMÍLIAS E

Meu pai nasceu em 1919 num distrito de Santarém/Pará, às margens do rio Tapajós, na outrora primeira aldeia Tupinambá do Tapajós, fundada pelos jesuítas em 1737, sob o nome de “Aldeia de Santo Inácio de Loyola”, quando pra lá levaram indígenas Tupinambá do Lago Uuicurupá (Rio Tupinambara/Região de Parintins/AM). Então, ali nessa Aldeia, hoje Vila de Boim, nasceram minha trisavó, bisavó, e minha avó, de origem indígena tupinambá. Através de minha avó, e de meu pai, ouvimos a triste história de que tanto minha bisavó, como minha trisavó foram obrigadas a viverem com português colonizador (ou pior dizendo, foram "pegas no laço"). Meu bisavó (filho de português com indígena, viúvo, tinha 70 anos quando tirou minha bisavó (que tinha apenas 14 anos) de minha trisavó. E minha trisavó fora arrancada da aldeia por um português. Por sua vez, minha avó teve seus filhos com um judeu (meu avô), que não assumiu a paternidade, devido eles não casarem com não-judeus.

Boim sofreu forte imigração de judeus procedentes do Tanger, Marrocos. Meu avô paterno, judeu, nasceu em Marrocos, sua mãe (mina bisavó) era do Tanger e seu pai (meu bisavó), era espanhol de Madri. O meu sobrenome "Xavier" (do meu pai) é de origem ibérica, ou seja, da parte do seu avô materno (meu bisavó). Da parte de minha mãe, tenho o sobrenome "Brasil", que é do meu avô materno, natural de Sobral/Ceará, sendo que, quando ele veio para o Pará, casou-se com minha avó materna, nativa do Marajó/Pará (a ilha do Marajó também tem origem indígena). Daí foram morar no Lago Grande (próximo de Santarém) onde minha mãe então nasceu. Quando meu avô (já viúvo de minha avó) foi morar em Boim, minha mãe veio a conhecer o meu pai. Me autoafirmo indígena Tupinambá pela minha ancestralidade paterna.

Socorro Brasil

# NOSSAS ANTEPASSADES

Ei Mãe... as coisas estão esquisitas por aqui.

Sim, aqui dentro mas também lá fora. Algumas certezas viraram dúvidas e a velha colcha de retalhos precisou ser refeita, já não se encaixavam as peças e precisei substituir por outras.

Sabe como é né? Tem alguns tecidos que vão se desfazendo com o tempo e os pontos que os ligavam já não sustentam mais. Entendi que o tempo faz dessas coisas...necessário.

Por aqui anda um corpo cansado, com as dores e prazeres do dia-a-dia, um corpo em busca de respostas, de identidade, de aceitação.

Mãe... por onde ficou sua história?

Quando me sinto perdida nesse emaranhado de desinformações te busco:

nos chás  
nas simpatias  
nas rezas  
nos sonhos.

E te encontro no leite quente com mastruz e canela adoçado com um abraço.

Mãe, falamos tão pouca de ti, achávamos que tínhamos uma vida inteira, só que essa vida inteira foi curta demais.

Na minha ânsia de ser escutada, pouca te ouvi.

No desespero de me encontrar, te perdi.

No querer de cantar minha história, não entendi que a sua se apagava.

Mãe, perdoa ter deixado isso acontecer.

Hoje, sentada com essa colcha de retalhos entendi que somos atrelados, costurados com o fio da vida, que na colcha nos tornamos inteiras, mas nós somos pedaços.

(Carta de Daiane de Oliveira Eilert para a mãe)